

**Entre a realidade e a fantasia: práticas educativas
relatadas por pais e filmes infantis**

**Between reality and fantasy: educational practices reported
by parents and children's movies**

**Entre la realidad y la fantasía: prácticas educativas
relatadas por los padres y películas infantiles**

Kathary Loory Soares Silveira

Universidade Federal do Vale do São Francisco, Paulo Afonso/BA – Brasil

Emily Ribeiro da Silva

Universidade Federal do Vale do São Francisco, Petrolina/BA – Brasil

Melina de Carvalho Pereira

Universidade Federal do Vale do São Francisco, Petrolina/BA – Brasil

Resumo

O objetivo desta pesquisa foi compreender os estilos parentais, presentes nos filmes de família contemporâneos e nas entrevistas realizadas com os pais. Partiu-se da premissa de que a mídia infantil explora conteúdos morais, socialmente compartilhados, instigando, sutilmente, modelos educacionais, propensos a serem seguidos pela sociedade. Subdividiu-se o trabalho em: análise do conteúdo de animações infantis, análise das entrevistas dos pais e uma avaliação cuidadosa desses mesmos dados, realizada por um juiz independente. Entendeu-se que as mudanças comportamentais dos personagens/pais das animações retratam figuras participativas, explicitando a influência da mídia através da moral da história. Os pais entrevistados apresentaram, principalmente, um estilo parental participativo. Esta pesquisa traz implicações sobre os valores transmitidos pela mídia e contribui para reflexões sobre as relações que os pais estabelecem com seus filhos.

Palavras-chave: Estilo parental, Relações pais-criança, Filmes

Abstract:

The objective of this research project was to understand parental styles present in contemporary family films and in interviews with parents. It was based on the premise that when children's media explores moral issues, its content is shared by the society at all. This becomes a subtle model of education that is prone to be followed by society. The work was subdivided into analysis of the content of children's animations, analysis of parent's interviews, and a careful evaluation of these same data, performed by an independent judge. It was understood that the characters/parents' behavioral changes in the animations portray participative figures highlighting the media influence through the story's moral. The parents interviewed mainly presented a participative parental style.

This research has implications on the values transmitted by the media and contributes to reflections on the relationships that parents establish with their children.

Keywords: Parental style, Parents-child relations, Movies

Resumen

El objetivo de esta investigación fue comprender los estilos parentales presentes en las películas familiares contemporáneas, así como en las entrevistas con los padres. Se partió de la premisa de que los medios infantiles exploran contenidos morales socialmente compartidos, instigando, sutilmente, modelos educativos que probablemente serán seguidos por la sociedad. Se subdividió el trabajo en: análisis del contenido de animaciones infantiles; análisis de entrevistas de los padres y una evaluación cuidadosa de estos mismos datos por un juez independiente. Se entendió que los cambios de comportamiento de los personajes / padres de las animaciones representan figuras participativas, demostrando la influencia de los medios a través de la moraleja de la historia. Los padres entrevistados presentaron, principalmente, estilo parental participativo. Esta investigación trae implicaciones acerca de los valores transmitidos por los medios y contribuye a reflexionar sobre las relaciones que los padres establecen con sus hijos.

Palabras clave: Estilo parental, Relaciones padre-niño, Películas

1. Introdução

Sendo o ser humano um ser social, é preciso conceber seu desenvolvimento associado a interações com outros parceiros. A presença de vínculo interpessoal constitui característica fundante da espécie humana, necessária desde o início da vida (CARVALHO, 2005). Nesse sentido, o bebê precisa de cuidado, o que permite constituir elos e relações que perpassam culturalmente tudo o que foi apreendido (TOMASELLO, 2003).

Para Abuchaim, Lerner e Campos (2016), o fortalecimento do vínculo mãe-bebê¹ influencia a estruturação psíquica e social da criança durante seu processo de maturação. Dessa forma, elevam-se suas chances de se tornar confiante e independente no futuro, mostrando, assim, a importância do tipo e das formas de vínculo que são estabelecidos nessa díade (LEMOS; GEHELE; ANDRADE, 2017; RONCALLO; MIGUEL; FREIJO, 2015).

Cabe aqui especular sobre o desencadeamento das formas de educação de crianças, baseadas no tipo de relação parental e na forma como essa educação é transmitida pelos pais, que, geralmente, são os responsáveis pelos primeiros referenciais interpretativos da criança. A essas figuras cabe grande influência no processo de construção de um suporte, para que o infante se sinta confortável em explorar e se comunicar com o mundo em que está posto, consolidando seu

¹ É importante salientar que esse vínculo não é dado apenas pela figura materna, mas por qualquer adulto que assume esse papel de cuidador/função materna.

desenvolvimento social, cognitivo e psicológico, nos primeiros anos de vida (ABUCHAIM et al, 2016; BISSOLI, 2014; GASPAR; MATOS, 2016). Essas relações vêm sendo estudadas através das práticas educativas e dos estilos parentais.

É importante deixar clara a diferença entre esses dois conceitos. As práticas parentais se caracterizam pelas táticas desenvolvidas pelos pais, a fim de reforçar ou extinguir comportamentos da criança (BOLSONI-SILVA, 2017). Já o estilo parental é caracterizado pelo tipo de relação entre pais e filhos e o perfil emocional criado no ambiente de convivência familiar, sofrendo influência das práticas educativas adotadas e das atitudes e posturas dos adultos cuidadores frente a seus filhos (GONÇALVES, 2013). Esses estilos podem ser subdivididos em quatro tipos (WEBER, 2004).

Autoritário: os pais apresentam alto nível de regras e exigem demasiadamente dos filhos, controlando-os, apresentando também um baixo nível de responsividade², com pouca participação e atenção (FONSÊCA et al, 2014).

Dessa forma, esses pais buscam manter o controle, por meio da imposição de suas crenças e opiniões, criando uma inflexibilidade dialógica com suas crianças, reprimindo o desenvolvimento da sua autonomia (CARVALHO, 2018);

Permissivo: quando os pais apresentam baixo nível de regras e exigências e alto nível de afeto e atenção. Pascali et al (2012) denominam esse estilo como indulgente, caracterizando-o pela inexistência de controle e autoridade. Também apontam para um tipo de pais que promovem o diálogo com seus filhos, consultando-os acerca das decisões familiares, estimulando-os ao desenvolvimento da autonomia e independência;

Negligente: é caracterizado por pais que apresentam tanto baixo nível de exigência e atenção, quanto baixo nível de afeto e participação na vida dos filhos. “O ser negligente refere-se a pais que não se envolvem com os seus papéis parentais, tendo tendência a diminuir com o passar do tempo e, por vezes, restando apenas uma mínima relação funcional entre pais e filhos” (GONÇALVES, 2013, p. 22).

² Suporte emocional necessário para o desenvolvimento da criança, perpassado por meio do afeto e expandindo sua capacidade de autonomia e consolidação de identidade.

Autoritativo/Participativo: é o tipo mais propício para educação, em que os pais possuem alto nível de exigência e também de responsividade, mediando regras e limites com um alto nível de afeto e participação na vida dos filhos; são aqueles pais que mantêm o equilíbrio entre níveis altos de exigência e afeto, exercendo uma supervisão consistente dos comportamentos dos filhos, com o fim de discipliná-los por meio de métodos indutivos ao invés de punitivos. Tais posturas levam os pais que seguem esse estilo a incentivarem a obediência e a estimularem o diálogo como meio promotor do desenvolvimento de autonomia dos filhos (CARVALHO, 2018).

Para Marin et al (2013), a atual geração de pais desfruta de maior senso crítico e escolha de opiniões, podendo decidir e ponderar sobre os métodos educativos e relacionais com seus filhos. Weber et al (2006) ressaltam também que eles contam com o auxílio e orientação da ciência e da sociedade, utilizando outros meios como guias – livros, artigos de revistas ou conselhos de pediatras e psicólogos –, assim como o convívio com outras pessoas que não seus pais, que influenciam o método educacional utilizado, como algum parente ou cônjuge, e a sua avaliação sobre a sua criação, como traz Marin et al. (2013).

Biasoli-Alves (2005) chama a atenção para a emergência, durante as últimas décadas, de uma nova maneira de pensar a infância e a adolescência, de forma sincrônica com a modificação de posturas dos adultos cuidadores: em certa medida, questiona a visão adultocêntrica e considera a postura ativa infanto-juvenil. O papel de áreas do conhecimento como sociologia da infância e fenomenologia da infância tiveram impacto inestimável sobre essas mudanças, que vieram ganhando força, à medida que foram acontecendo algumas transformações culturais. Trata-se de um contraste educacional que segue essa segunda modernidade, desvinculando-se dos padrões tradicionais – controlador e autoritário –, presentes nas décadas de 1930-40 e 1950-60. Essa transição, de certo modo, influenciou as transformações sociais ocorridas depois de 1960, modificando diretamente a organização familiar e seu comportamento (BIASOLI-ALVES; CALDANA; SILVA, 1997).

Juntamente com as transformações no tamanho e forma da família (núcleos menores e mais centrados em si mesmo), ressaltam-se as mudanças no sentido de um modelo mais informal ou mais democrático de relações intrafamiliares, tal como

discute Goldani (1993). Dessa maneira, a autoridade de pai/mãe não é mais exercida de forma inquestionável ou autoritária. Como repercussão dessas mudanças, os pais são, muitas vezes, considerados como destituídos do saber cuidar de seus próprios filhos. Essa característica é representada atualmente em alguns filmes infantis, como aponta Mendonça (2007).

Na mesma direção, Salgado (2005) enfatiza a criança, ao invés do adulto, como grande protagonista dos filmes infantis contemporâneos. Ela é, muitas vezes, o herói e demonstra autonomia, inteligência e competência; por vezes, apresenta ainda genialidade, empreendimento e amplos poderes, até mais do que se comparados aos adultos. Os pequenos heróis “chegam a demonstrar poder mediante a desconstrução da autoridade adulta, ao manifestarem competências, saberes e atitudes que, muitas vezes, independem da relação com os adultos” (SALGADO, 2005, p. 122)

É interessante perceber que os filmes infantis são produções dos adultos e, mesmo assim, retratam o protagonismo infantil. Sem dúvida, a conquista do prestígio da criança também representa uma transformação e traz consequências para a própria família.

Segundo Biasoli-Alves (2005), os pais contemporâneos vêm modificando a maneira de pensar a infância/adolescência e seus métodos educacionais, construindo novas percepções e intervindo nas problemáticas com seus filhos de maneira mais dialogada, abrindo possibilidades de negociações com eles. Fica evidente, então, que tais práticas não estão desvinculadas do momento sócio-histórico. Enquanto predominava o modelo de família tradicional ou patriarcal, o estilo autoritário era o mais prevalente, pois se considerava que os pais detinham uma autoridade inquestionável. Com o declínio desse padrão familiar, são estruturadas outras formas de ser família e se passa a idealizar um modelo participativo, em que se dilui a hierarquia nas relações interpessoais, seja entre adulto e criança ou homem e mulher (SILVA; PEREIRA, 2018).

Assim, foi ocorrendo um declínio no que se refere ao modelo de família tradicional ou patriarcal, representado pelo arranjo nuclear. A partir daí, são construídas outras várias concepções do que é ser família, apresentando à sociedade novos modelos familiares (famílias separadas, recasadas, monoparentais, homoparentais etc.). Essa nova coletividade, agora composta por valores mais individualistas, contrasta com a sociedade da primeira modernidade, quando a família

deveria sempre vir em primeiro lugar (valores de familismo ou coletivismo) em detrimento de vontades individuais. Nesse contexto, a sociedade contemporânea sai de uma lógica social que validava e aceitava apenas o casamento tradicional, que deveria ser duradouro, abandonando também, aos poucos, as posturas e os modelos educacionais mais rígidos para com os filhos (ABUCHAIM et al, 2016).

De acordo com Goldani (1993), com o declínio do modelo de família tradicional, foi se engendrando a ideia de que a família brasileira declinava e entrava em crise, motivada pelo crescente número de mães solteiras, ou seja, crescente número de famílias monoparentais, aumento de divórcios e separações, ascensão de mulheres e jovens ao mercado de trabalho e conseqüente a esse fato, o declínio da fecundidade - já que essa mulher moderna agora necessita de mais tempo para trabalhar, interferindo diretamente em seu núcleo familiar, diminuindo o número de filhos ou optando pela não concepção. Além disso, há os novos tipos de uniões entre os sexos. Segundo essa autora, no entanto, a família brasileira não declinou ou muito menos está em crise, apenas atravessa importantes transformações sociais e econômicas, demandadas e regidas por uma sociedade globalizada e capitalista.

Nesse contexto, as relações familiares são observadas em diversos espaços cotidianos, direta ou indiretamente. As referências aos modelos parentais estão em evidência, de modo intencional ou não, nas diversas formas de concretizar aspectos culturais, como por exemplo, em mídias cinematográficas. Pereira (2014) observou que figuras parentais associavam suas próprias práticas ao estilo que reconheciam nos personagens pais dos filmes, apontando divergências ou consonâncias que julgavam trazer conseqüências para a criação dos filhos. Assistindo a filmes de família, desenhos animados e diversos programas de TV, observa-se como são retratadas as relações parentais e o modo como se enlaçam os papéis familiares.

Ressalta-se também que, de acordo com o conteúdo assistido na TV, ocorrem mudanças no comportamento infantil. Segundo Alencar, Gomide e Wzorek (2011) e Barros e Silva (2006), a criança sofre influência do cerne midiático. Em consonância com esses achados, Pereira e Pedrosa (2016) constataram a importância que as figuras parentais atribuem à mensagem midiática que é transmitida às crianças, buscando potencializar a aprendizagem de valores morais a partir dos enredos dos filmes. Os responsáveis buscam omitir ou ressaltar aspectos das películas, de acordo com a concordância ou não da mensagem que seria transmitida aos filhos.

Destinado ao público em geral, porém, mais especificamente às crianças, os maiores consumidores-alvo, as mensagens transmitidas nos filmes de família e desenhos animados chegam às crianças carregadas de valores e conteúdos dotados de uma intenção, apoiado no atual contexto social, facilitando, assim, a identificação da criança ou adolescente com os personagens. Eles geralmente são compostos por uma identidade que, segundo Salgado (2005), mobiliza o público a se relacionar com eles sob um processo de identificação facilitado pelo hiper-realismo dos desenhos, ferramenta cinematográfica desenvolvida pela Disney na década de 1930 – tentando dessa maneira “[...] fazer com que o público se relacione com o personagem como se esse existisse de fato” (SALGADO, 2005, p.71).

Constroem-se assim personagens cada vez mais incorporados à realidade dos telespectadores, utilizando seus contextos sociais, modos de vida e costumes. Equitativamente, os personagens das películas infantis são fortemente associados às representações sociais infantis, produzindo influência sob a criança e seus comportamentos (SILVA; ARNOLD, 2017).

Retratar as relações familiares é bastante usual nos filmes e animações. Geralmente, de maneira mais explícita, o conceito de família vinha atrelado à ideia de um modelo patriarcal, disseminado ao longo do tempo por nossa cultura e costumes sociais; porém, a conjuntura triádica vem perdendo espaço, com a chegada da segunda modernidade – após os anos 1960 –, e os novos tipos de famílias ganham força tanto no ambiente social quanto na mídia, que, por sua vez, tenta se adequar aos contextos contemporâneos.

Sem ser necessário citar explicitamente no roteiro dos filmes o porquê de uma família não ser constituída por um pai, uma mãe e um filho, subtende-se que já estão subjetivados pelos telespectadores os novos modelos familiares, por vezes, trazendo, ou não, uma breve explicação de como aquela família se fez monoparental. Como exemplo de filmes com famílias monoparentais tem-se *Ratatouille*, *O Espanta Tubarões* e *Procurando Nemo* – em todos eles, os personagens principais, Remy, Lenny e Nemo, respectivamente, são criados apenas por uma figura parental -, diferentemente de animações mais antigas, como *O Rei Leão*, *Bambi*, dentre outros.

Diante desse pequeno aspecto comentado – o arranjo familiar –, vê-se a importância em compreender os modos que a mídia reproduz os contextos familiares, analisando-os conjuntamente com a realidade de pais na atualidade, sendo

necessária uma visão crítica sobre a intenção que é trazida nos conteúdos dos filmes que são repassados a pais e filhos.

Nesse sentido, o estudo objetivou compreender os estilos parentais presentes em filmes de família e no discurso de pais/mães sobre sua relação com seus filhos. Portanto, nesta pesquisa, foram investigadas figuras parentais, sejam aquelas representadas na película ou mesmo por entrevistas com pais de crianças, articulando as educações retratadas nas *fantasias* – apresentadas pelas películas – e a *realidade* – descrita por pais entrevistados.

2. Metodologia

Para a execução do presente estudo foi necessário subdividi-lo em três etapas.

2.1 Etapa 1

A primeira etapa da pesquisa se refere à escolha, à descrição e à análise de filmes contemporâneos de família, examinando a ocorrência de estilos parentais a partir dos personagens das películas escolhidas.

Material: foram utilizados sete filmes de família contemporâneos.

Procedimentos de coleta: para a escolha de filmes pertinentes à análise, foram elaborados critérios inspirados em Valente (2011): (a) filmes amplamente divulgados com grande repercussão social que entraram em cartaz nos cinemas (eliminando-se os lançados apenas em DVDs ou em Blu-ray); (b) filmes que trouxeram em seu bojo a presença explícita ou implícita de família e que tinham uma temática relevante, independentemente da configuração familiar; (c) filmes lançados a partir do ano de 2000, pois existia uma maior chance de que eles retratassem transformações significativas em décadas anteriores quanto ao modelo de família e, conseqüentemente, o que é prezado como estilo parental; e (d) eliminaram-se filmes que abordassem prioritariamente uma cultura muito diferente da que estamos inseridos, como exemplo, um “retrato” de cultura oriental. Após definir tais critérios, consultou-se um site amplamente divulgado (www.melhoresfilmes.com.br) na Internet, que tem por objetivo classificar qualitativamente os filmes lançados.

Foram selecionados para este estudo os melhores filmes avaliados pelo site nos gêneros “Animação” e/ou “Família”. Sendo assim, observaram-se as seguintes películas: *Ratatouille*, *Procurando o Nemo*, *Os Incríveis*, *Up – Altas Aventuras*, *Divertidamente*, *Frozen – Uma Aventura Congelante* e *O Espanta Tubarões*.

Procedimentos de análise: ao se debruçar sobre uma película, buscou-se compreender o contexto educacional, priorizando posturas e diálogos entre os membros da família. Portanto, foi analisada não somente a fala verbal dos personagens, mas também a repercussão desse comportamento na interação social. Assim, observou-se em uma dimensão mais ampla à relação entre adulto e criança. Para compreender os contextos educacionais, analisaram-se os comportamentos dos personagens/pais para com os filhos, seus métodos educativos no início das animações, como eles desempenhavam seus estilos parentais, bem como, seus comportamentos interferiam no comportamento dos filhos. Assim, se estabeleceu uma identidade comportamental dos pais e, em seguida, se percebeu como foi retratada a consequência na vida da criança, que, por sua vez, direcionou os conflitos vivenciados na história.

Segmentos dos filmes, a partir dos quais foi possível identificar estilos parentais, foram descritos e analisados, por meio das atitudes e dos tipos de relação desenvolvidas pelos personagens pais para com seus filhos no decorrer do filme, avaliando o clima emocional desenvolvido entre eles, tal como orienta Weber (2004) e Costa, Teixeira e Gomes (2000).

2.2 Etapa 2

Foram verificadas e analisadas entrevistas com dez pais/mães, utilizando um filme de família para instigar o debate sobre seus métodos educacionais e, conseqüentemente, os estilos parentais predominantes nas relações. O uso desse recurso permitiu que os pais se colocassem de forma mais livre ao falarem sobre o personagem pai do filme (e não de si mesmo como pai/mãe), contrapondo com o que eles relatavam sobre suas próprias condutas como educadores. Foram utilizados dados de pesquisa já coletados e devidamente aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, da Universidade Federal de Pernambuco (CEP/CCS/UFPE), sob CAAE N^o: 10969713.4.0000.5208.

Participantes: sete mães e três pais, com média de idade de 38 anos (intervalo de 30 a 53 anos). Eram pais/mães de cinco meninos e cinco meninas, com idades variando entre seis e nove anos. Como critério desta pesquisa, os entrevistados deveriam obrigatoriamente coabitar com a criança, exigência feita no intuito de buscar progenitores que participassem mais proximamente da educação dos filhos. A faixa

etária das crianças se refere a uma fase de vida em que os pais começam a intensificar um diálogo com os filhos, com a preocupação de os instruir moralmente, por se considerar que a criança compreende a mensagem repassada.

A idade dos pais foi aleatória, ou seja, decorrente da primeira escolha, a idade dos filhos. Os pais foram contatados em uma escola privada na qual estudavam seus filhos; essa escola atendia prioritariamente a famílias de classe média da cidade do Recife.

Com relação à instrução educacional dos adultos, em 2013, quatro tinham pós-graduação completa, três possuíam pós-graduação em andamento, um tinha como titulação máxima o curso superior completo e dois estavam cursando o nível superior.

Quanto à renda, três participantes adultos relataram ter renda mensal familiar entre mil e quinhentos e três mil reais; dois pais disseram receber entre três mil e cinco mil, e cinco entrevistados informaram ter renda mensal familiar superior a cinco mil reais. Nenhum participante relatou ter renda familiar inferior a mil e quinhentos reais.

As famílias investigadas seguiam, predominantemente, um modelo nuclear: seis delas eram compostas por pai, mãe e filho(s). Um casal estava em processo de separação conjugal, uma das mães compunha uma família monoparental, dois outros participantes aderiam a um modelo recasado e uma mãe relatou que sua filha era adotiva.

Material: foram utilizados trechos de um filme contemporâneo infantil para ser exibido e instigar o debate com os participantes e um roteiro de entrevista semiestruturado, elaborado pelas pesquisadoras. Esse roteiro continha, basicamente, cinco perguntas norteadoras a respeito do filme, a saber: “Apreciação pessoal sobre a película (o que você achou do filme?)”; “O que você acha de este filme ser uma história para crianças?”; “Em sua opinião, qual a mensagem do filme?”; “Em sua opinião, qual a mensagem do filme no que se refere à família?”; “O que é que tem de mais importante no filme que você gostaria que seu(sua) filho(a) se apropriasse?”.

Em seguida, a entrevista versava sobre questões acerca da rotina familiar, formas de disciplinar a criança, práticas de lazer em família, assim como uma apreciação do(a) entrevistado(a) em relação à conduta parental no filme. Dentre um

conjunto de 16 longas metragens assistidos (Pereira, 2014)³, o escolhido foi *Rattatouille* (LEWIS, 2007), por retratar o conflito entre valores de familismo e individualismo, centrais para demonstrar a mudança nas práticas educativas nas últimas décadas. Foi elaborada uma edição do filme com menor tempo de duração (38 minutos), com a preocupação de que o enredo continuasse compreensível, com o intuito de viabilizar a participação dos pais na pesquisa. O filme foi exibido com equipamento disponível no local da coleta (DVD, *notebook*, retroprojetor) e a gravação do áudio da entrevista foi possível com o uso de um mp3 ou o próprio aparelho de celular do pesquisador.

Procedimentos de coleta: para cada participante da pesquisa, foi exibido o recorte do filme. A entrevistadora esteve disponível para realizar a pesquisa no domicílio do participante ou em outro local de sua escolha, desde que fosse possível manter um ambiente propício para a livre expressão do sujeito, preferencialmente, sem a companhia de outras pessoas. A entrevista com cada participante foi gravada em áudio, com a concordância deles, após coleta da assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido. As entrevistas tiveram duração média de 34 minutos

Procedimentos de análise: segmentos da audiogravação foram recortados, transcritos e analisados qualitativamente, através da análise de conteúdo de Bardin (1977/2011), buscando-se discutir, através do método indutivo, as significações que os pais atribuíam à temática trabalhada no filme, bem como relatavam sua rotina familiar e forma de educar os filhos. A partir de então, pôde-se classificar os estilos parentais predominantes e suas características tanto dos pais personagens quanto das figuras entrevistadas.

Seguiu-se a proposta de Biasoli-Alves e Silva (1992), adotando os seguintes passos: a) realização de leituras sucessivas do material transcrito, de modo que o pesquisador fosse impregnado pelos dados, ora detendo-se estritamente no conteúdo expresso, ora no contexto de significações que se evidenciaram; b) registro escrito de relações feitas, interpretações levantadas, pontos críticos identificados e seus

³ Como mencionado, a segunda etapa da pesquisa utilizou dados já coletados em estudo anterior. O critério para a escolha dos 16 filmes está descrito no trabalho citado, mas basicamente consistiu na utilização dos mesmos critérios da Etapa 1, somado à consulta de produções sugeridas em conversas informais com adultos e crianças, ainda que não constassem no site www.melhoresfilmes.com.br

significados no tópico e na pesquisa como um todo; c) compartilhamento dos dados com outros pesquisadores envolvidos com temas afins e experiência na área, a fim de enriquecer e checar as formas de compreensão e interpretação dos dados; d) revisões da literatura com vistas ao aperfeiçoamento e à atualização do tema estudado, contribuindo para a construção de relações com o conteúdo das falas dos entrevistados; e) busca de regularidades e diferenças nas respostas, observando as nuances; f) aprofundamento dos dados, de modo a afunilar o tema em torno de questões centrais. Com a gravação de voz, foi possível perceber pausas, correções, indecisões quanto às palavras a serem usadas, ênfases e entonação na fala, entre outros indícios relevantes para a interpretação dos dados.

2.3 Etapa 3

Por fim, os registros de todo o processo de análise e descrição dos estilos parentais – apresentados pelos personagens pais das películas escolhidas e dos pais/mães entrevistados – passaram por uma avaliação criteriosa de análise por um juiz independente. O juiz escolhido, inicialmente não participante da equipe de pesquisa, passou por treinamento de estudo teórico e, em seguida, teve como função analisar independentemente os dados colhidos, utilizando as transcrições de entrevistas e assistindo aos filmes escolhidos, a fim de contrastar com os resultados encontrados pela equipe de pesquisa. Após tal validação, retornou-se aos achados com poucas divergências de conteúdo (cerca de cinco por cento), de forma a finalizar a análise empreendida, apenas acrescentando algumas novas apreciações feitas pelo juiz.

3. Resultados e Discussão

3.1 Animações

Nas análises das animações, foram detectados os estilos parentais referentes aos personagens pais de cada película, bem como mudanças em seus estilos e métodos educacionais. Como bom reprodutor da vida cotidiana de adultos e crianças, os filmes de família contemporâneos trouxeram em seu bojo tais contextos, levando seus telespectadores a se identificarem com a história que é contada, envolvendo-os mais profundamente no enredo, conforme teoriza Buckingham (2012).

Em *Ratatouille*, *Procurando Nemo*, *Up – Altas Aventuras* e *O Espanta Tubarões*, os responsáveis se apresentaram como exigentes, com alto nível de regras na forma de educar, em geral, buscando que os filhos seguissem seus passos de acordo com sua visão de mundo. Apesar dos aspectos peculiares a cada pai, o principal estilo parental apresentado por eles corresponde ao participativo, porém, trazem também características referentes ao estilo autoritário, pois, no decorrer do filme, os personagens pais foram abandonando os comportamentos mais rígidos e intolerantes, substituindo-os por posturas mais compreensivas e afetivas, melhorando suas relações com os personagens filhos ao final da história. Nesse sentido, pode-se inferir que as mudanças de comportamento observadas no decorrer das animações sofrem influência das expectativas geradas pela mídia – pais com atitudes participativas – transformando tal conduta em moral da história/final feliz esperado.

Em *Ratatouille*, Django era um pai bastante sólido em relação aos limites que seus filhos, Remy e Emile, que deveriam segui-lo, mantendo-se próximos ao clã. No início da narrativa, Django se figurava como um pai que não valorizava o talento do filho (demonstrava pouca empatia para com Remy) e se mostrava bastante exigente em relação às posturas que seus descendentes deveriam seguir. Portanto, apresentava características de um pai de estilo autoritário, pois expunha altos níveis de regras e não demonstrava muita afetividade (Weber, 2004).

Baumrind (2012) exemplifica esse estilo parental, quando os adultos fazem uso de poder coercitivo, no qual predominam estratégias de comando e ameaça, com objetivo de controlar o comportamento da criança. Porém, no decorrer do filme, Django foi mostrando seu afeto e que suas exigências eram uma forma de demonstrar responsividade, caracterizando-se como um pai participativo. Como pode ser notado, Django possuía uma família monoparental, constituída por ele e seus dois filhos, juntamente com a colônia de ratos que chefiava, constituindo também outro tipo de arranjo familiar.

Em *Procurando Nemo*, igualmente, apresenta-se uma família monoparental, constituída apenas por Marlim e seu filho Nemo. Marlim se mostra um pai, inicialmente, extremamente superprotetor, controlador e paranoico – motivado pela perda da esposa e do restante das ovas do casal. Essas posturas, para Nemo, ou qualquer outro filho, não se configuravam como saudáveis, pois a criança não conseguia gozar de uma liberdade necessária para seu desenvolvimento (PAULA, Revista Educação Online, Rio de Janeiro, n. 35, set-dez 2020, p.76-99

2012). Porém, Marlim se apresentava um pai bastante amoroso e atencioso ao filho, agindo conforme acreditava ser o melhor para Nemo e mudando suas posturas no decorrer da película.

Percebe-se que as diferentes formas de educar não têm uma relação direta com o arranjo familiar. Nesses casos, por exemplo, dois modelos monoparentais tinham condutas diferentes: enquanto Django iniciou a narrativa como um pai bastante rígido e autoritário, Marlim se mostrava como um pai superprotetor e atencioso, podendo-se então depreender que as práticas parentais e o clima emocional gerado em cada leito familiar independem do tipo de arranjo constituído.

Não muito diferente, em *Up – Altas Aventuras*, Carl Fredricksen assume uma paternidade não biológica com o menino Hussell, passando de um companheiro exigente e ausente a alguém envolvido emocional e afetivamente, figurando um estilo participativo na vida do garoto.

O filme *O Espanta Tubarões* traz à tona questões referentes à aceitação dos filhos, no qual Don Lino aceita seu filho Lenny do jeito que ele é, um tubarão não matador e vegetariano, que também gostava de se vestir de golfinho. Há suposições de que o filme faz referência à aceitação de um filho homossexual, ficando implícita a ideia de um pai que acolhe o filho em sua orientação sexual, também se transformando em um pai participativo ao final da película.

Constituídos pelo modelo de família tradicional, os filmes *Divertidamente* e *Frozen: Uma Aventura Congelante* apresentam pais com o estilo participativo, cabendo apenas ressaltar que, no filme *Frozen – Uma Aventura Congelante*, os pais eram superprotetores para com suas filhas, desencadeando consequências negativas para ambas, como por exemplo, solidão e insegurança (ALVARENGA; WEBER; BOLSONI-SILVA, 2016).

Também caracterizado por uma família nuclear, os pais do filme *Os Incríveis* apresentam diferentes estilos parentais. A mãe, Helena Pêra (mulher elástica), se identificava com o modelo participativo, e o pai, Beto Pêra (sr. Incrível), com aspectos do estilo negligente. No entanto, ele alterou seu comportamento no decorrer da película e, como consequência, seu estilo se tornou participativo. Beto se mostrava sempre desanimado, parecendo não prestar atenção ao que acontecia ao seu redor, nem no trabalho, nem em casa, permanecendo assim, desde que precisou assumir um trabalho monótono e não prazeroso, permitindo que as dificuldades do cotidiano

afetassem sua relação familiar. Após retornar ao emprego dos sonhos – ser herói –, o pai ficou mais motivado dentro de casa e mudou suas atitudes. Começou a estar mais presente na vida dos filhos, brincando e participando de suas atividades, dando uma verdadeira guinada em seu comportamento. A família Pêra é um retrato da família contemporânea: com um cotidiano fatigante que interfere nas relações parentais e no modo em que os vínculos entre pais e filhos vão sendo construídos cotidianamente (CID, 2015).

3.2 Entrevistas

Nos dados coletados a partir de entrevistas com pais/mães, foi possível identificar um destaque referente a traços do estilo parental participativo: elevados níveis de exigência, concomitantes a altos níveis de afeto e solicitude para com os filhos (CARVALHO, 2018), procurando manter o diálogo aberto como forma de aproximação, bem como o não uso de punição física. Os resultados encontrados apontam, em quase sua totalidade, para o estilo participativo, com exceção de apenas um pai, que apresentou seguir o estilo autoritário, sendo o participante mais velho da pesquisa, podendo-se inferir aspectos relativos à transmissão intergeracional de estilos parentais. É válido salientar que não se descarta o fato de os sujeitos pais poderem apresentar mais de um estilo parental, ora apresentando o estilo negligente, ora autoritário ou até mesmo apresentar mais de um estilo ao mesmo tempo (BOING; CREPALDI, 2016).

A partir dos discursos dos entrevistados sobre sua rotina com os filhos, podem-se notar estilos diferentes em outras figuras parentais não participantes diretos da pesquisa, cônjuges e ex-cônjuges por exemplo. Ronaldo, 32 anos, pai de Rodrigo de cinco anos, deixa implícito na sua fala o estilo praticado pela mãe da criança, relatando que o relacionamento entre mãe e filho sofre algumas dificuldades por conta da rotina da mãe, que só chega a vê-lo durante o final de semana. Segundo Ronaldo, a mãe não costuma castigar o filho, motivada por estar ausente na maior parte da vida da criança, tentando sempre agradá-lo e, por isso, não mantém muito “pulso firme” em relação seus aos comportamentos.

Diante desses fatos, percebe-se que os comportamentos maternos possuem características referentes ao estilo negligente (WEBER, 2004), pois ela apresenta baixo nível de regras para compensar sua ausência durante a semana, deixando a

criança agir da forma como quer. Manifesta níveis de afeto para com o filho, mas apenas durante um curto intervalo de tempo que está com ele. Sabe-se, entretanto, que estamos inferindo algumas características para a figura materna apenas de acordo com o relato de seu ex-companheiro.

Grzybowski e Wagner (2010) estudaram a temática da educação e da coparentalidade após o divórcio e, conseqüentemente, as diferenças das práticas parentais na casa do pai e na casa da mãe. As autoras levantaram questões que poderiam interferir na qualidade da relação coparental, que estão intimamente ligadas às práticas educativas. Qualquer investimento no sentido de potencializar o relacionamento pais e filhos após a separação deve também se realizar por via da relação entre os pais. Assim, ressalta-se a importância da comunicação entre as figuras parentais no processo educativo, para evitar ou diminuir a ocorrência da inconsistência (RAPOSO et al, 2011; LEME; PRETTE; COIMBRA, 2013).

No que se refere ao comportamento de Ronaldo, ele apontou alto índice de afeto e de atenção em concomitância com várias brincadeiras, assim como também a conversa participativa, ouvindo as opiniões do filho, entre outras atitudes. Apresenta tanto alto nível de responsividade, quanto de regras e controle, não permitindo birras, tentando controlar maus comportamentos, utilizando-se por vezes, de palmadas, com a intenção de que a criança entenda o porquê de sua ação estar errada. Tais atitudes são tomadas como forma de punição aos comportamentos indesejados do filho, levando-o, desse modo, a apresentar características relativas ao estilo autoritário. Diante desse contexto, é importante destacar o fato de que os estilos parentais adotados não são estáticos ou fixos, podendo ser flexibilizados de acordo com situação em que os sujeitos estejam inseridos (BOING; CREPALDI, 2016).

Percebe-se, então, que, apesar de ambos os pais serem carinhosos e demonstrarem afeto e atenção, cada um a seu modo, pai e mãe neste caso, apresentam estilos parentais um pouco divergentes, aparentando manifestar o pai, o estilo participativo e a mãe, o estilo negligente. Esse tipo de inconsistência bastante comum – inclusive representado no filme *Os incríveis* anteriormente citado – pode confundir a criança em relação à oscilação de limites e regras, tendendo a ter certos comportamentos apenas na presença de um dos pais, acreditando que, assim, possa conseguir o que deseja, algo que realmente acontecia no exemplo descrito. Vale salientar que o comportamento de revogação de regras dos pais frente à criança pode

induzir à quebra de autoridade de uma das partes, na qual o filho pode ser levado à tendência de obedecer apenas a uma das partes, gerando conflitos na relação (RAPOSO et al, 2011; LEME; PRETTE; COIMBRA, 2013).

Analisando suas condutas frente aos filhos, os pais/mães entrevistados apontaram, à luz do filme *Ratatouille*, sua opinião acerca da desobediência, punição, e algumas atitudes tomadas tanto pelo personagem pai, quanto pelo personagem filho. Na película, o pequeno rato Remy se vê dividido entre seguir seu sonho ou os conselhos do seu pai, optando por acompanhar seus desejos. A atitude do ratinho abre margem para discussões acerca da obediência dos filhos, pois esse buscou outro caminho que não o esperado pelo seu pai.

Alguns entrevistados trouxeram em seu discurso questionamentos acerca da participação das crianças no desenvolvimento de sua autonomia, apresentando assim, contradições em sua fala, como por exemplo, Daniel, 53, pai de Bruna, oito anos. Ele se demonstrou muito preocupado com a união da família e apresentou características conservadoras, aparentando impor muitas regras e limites, os quais ele mesmo dita e julga como sendo corretos, sem promoção de diálogos. Por isso, disse que estranha a participação das crianças no mundo atual, pois, na sua época, ele não expunha suas opiniões para seus pais. O estranhamento do pai vem marcado pelas mudanças estruturais que vieram ocorrendo nas relações parentais ao longo do tempo, quando o clima emocional vivenciado dentro da família seguia um aspecto mais rígido, autoritário e tradicionalista, antes da década de 1960. Passou a ser fluido, autônomo e dialogado depois das transformações sociais que ocorreram após esse período e que influenciaram de maneira direta a forma de estruturação da organização familiar (SINGLY, 2007). É conveniente salientar que Daniel foi o pai mais velho dentre os demais pais participantes, o que nos leva a inferir que suas atitudes podem ser explicadas por uma possível repetição das práticas parentais vivenciadas durante sua infância.

Ele repetiu várias vezes a palavra “disciplina”, como algo de suma importância no contexto familiar e de acordo com seus próprios valores, surpreendendo-se com a esperteza da sua filha e reconhecendo que, às vezes, exagera nos próprios medos como pai em relação à emancipação da filha. Isso se mostrou contraditório ao que ele argumentou sobre querer que sua filha tenha autonomia, uma vez que, em seu discurso, percebe-se que ele tenta tolher as atitudes da criança quando ela objetiva

certo tipo de liberdade, como, por exemplo, quando a filha expunha seus planos de futuramente ir morar no exterior, e o pai diz que caso isso aconteça, a acompanhará. Tal atitude indica uma conduta de controle sobre a filha, já que ele planeja estar implicado em suas atividades futuras, reafirmando sua posição de não abertura de espaço para que ela desenvolva sua autonomia.

Como destacado anteriormente, o entrevistado foi o mais velho participante da pesquisa, na época, 53 anos. O fator idade é bastante relevante, já que ele poderia estar repetindo as práticas parentais que vivenciou quando criança, pois, segundo a teoria da transmissão intergeracional dos estilos parentais, discutida por Marin et al. (2013), quando as pessoas se tornam pais, geralmente estabelecem com seus filhos um padrão de relacionamento cujo modelo fora aprendido em sua própria família. Alguns pais tendem a repetir com os filhos o tipo de educação recebida durante a infância e adolescência. Continuam, desse modo, uma espécie de ciclo educativo intergeracional, uma vez que a relação homem-meio estabelece contingências, e o indivíduo em interação aprende e se adapta aos costumes estabelecidos culturalmente. Tende, assim, a reproduzir o que foi aprendido durante a vida. Levando em consideração tais contradições e as práticas parentais relatadas por Daniel, ele se apresenta como um pai autoritário.

Alguns pais, apesar de terem sido educados com o uso do castigo físico, relataram não utilizar esse tipo de punição como meio de correção, preferindo o diálogo como ferramenta principal, concomitante a castigos/privações e proibições. Ana, 32 anos, mãe de Maria, sete anos, diz que utiliza mais a conversa para corrigi-la, sendo bastante firme quando reclama, sempre controlando-a desse modo. Junia, 30 anos, mãe de Alison, nove anos, afirma que não costuma bater no filho, mas o castiga, cortando atividades que ele gosta de fazer, relatando que a punição física só chega a acontecer quando ela considera que passou dos limites. Paloma, 42 anos, mãe de Luiz, nove anos, conta que costuma resolver a maioria dos conflitos por meio do diálogo, pois acredita que é mais eficaz. Quando percebe que o método não está funcionando, ela alega que corta algumas atividades que ele gosta, como acesso computador, jogos e TV no final de semana. Porém, não chega a ser extremista com relação a isso. Ronaldo, pai de Rodrigo, afirma que sempre procura premiar os bons comportamentos, promovendo sua obediência, fazendo assim as coisas que o filho gosta juntamente com ele. Essa atitude não é consensual, pois outra mãe participante

da pesquisa, Paloma, refere que premiar a criança pode reforçá-la a exigir uma recompensa por se comportar corretamente. Afirma também que evita a punição física, mas se utiliza de palmadas quando seu filho passa dos limites e explica o porquê de ele estar apanhando. Os demais pais tenderam a seguir a mesma lógica de punições e castigo.

As formas de lazer que os pais utilizam, geralmente, circulam em torno de saídas durante o fim de semana, para lugares como praia, cinema, parques, viagens, clube, shopping ou visita à casa de familiares. Em suma, alguns pais tentam adequar suas formas de lazer à criança, para que compartilhem do curto tempo que têm com seus filhos, enquanto ambos se divertem. Ana mostra que sempre inclui a filha nos seus programas de lazer, guiando-a a se interessar pelo mesmo gosto, adequando assim o lazer da filha. Rebeca relata que seu lazer também se dá aos fins de semana, quando vão para a casa de familiares em cidades próximas, sendo esse também o tempo que tem disponível para dar atenção aos filhos. Afirma que ela e o marido adequam suas formas de lazer à filha Giovana, para que ela se divirta também, levando-a ao cinema ou ao parque. Porém, durante a semana, não há muito tempo para a garota, pois há uma rotina de trabalho que precisa ser seguida, mantendo assim pouco contato com ela, que também acaba tendo seus horários preenchidos por outras atividades. Apenas um pai, Ronaldo, associa lazer a brincar com seu filho, independente de sair de casa, enquanto todos os demais consideram lazer as saídas para outros ambientes que não a sua casa. Nesse momento, surge um questionamento – o que os pais consideram a diversão com os filhos: apenas saídas ou possíveis momentos lúdicos, ainda que dentro do lar?

Todos os pais entrevistados mantinham semanalmente uma carga horária de trabalho suficientemente alta, o que incidia diretamente no tempo em que passavam com os filhos. Muitos deles não estão presentes com suas crianças, durante a semana. Essa característica é cada vez mais comum nas relações atuais entre pais e filhos. Nesse ritmo, não somente mantêm sua agenda diária preenchida pelo trabalho, como também procuram ocupar a dos filhos. A rotina da criança é então preenchida por atividades extraescolares, restando apenas o final de semana para estar em família. É importante ressaltar que a falta de tempo, por si só, não se caracteriza como pouca afetividade e responsividade dos pais, e sim a qualidade de tempo que passam com seus filhos.

Esse perfil de rotina condiz com os padrões cotidianos de muitas famílias modernas, em que a criança é alocada em atividades extras para ocupação do tempo ocioso, ou fica sob os cuidados de outros, resultado dos novos tipos de organização da família moderna. Tal tipo de organização familiar cresce exponencialmente devido à demanda de trabalho exigida e cada vez mais seguida pela cultura ocidental.

4. Conclusão

A partir da análise dos filmes, foi possível verificar o estilo parental desempenhado pelos personagens pais das animações, constatando-se que, apesar das peculiaridades apresentadas por cada cuidador, todos desempenharam o estilo participativo ou vieram a apresentá-lo posteriormente. Percebe-se a tentativa da mídia em se encaixar como reprodutora do cotidiano, trazendo em seu bojo problemáticas da atualidade que confrontam as realidades infantis, tais como superproteção, negligência, aceitação, resignação, dentre tantos outros eventos que perpassam as rotinas familiares, bem como maneiras que os personagens utilizaram para contornar tais situações, conseguindo harmonizar o relacionamento com os filhos.

Atentando-se também a influências externas – nesse caso influência midiática, que reproduz as atuais organizações enquanto concomitantemente dita padrões a serem seguidos –, esta pesquisa traz reflexões para a sociedade em geral, a respeito dos valores perpassados pela mídia, mais especificamente, a cinematográfica. Além de melhor compreender os valores da atualidade, diante da recíproca influência entre mídia e realidade social, os filmes podem ser um excelente recurso como estratégia de intervenção, a fim de propiciar reflexões profícuas para responsáveis por crianças diante das relações que estabelecem com seus filhos.

De acordo com a análise das entrevistas dos pais, também se verificou que a maioria apresenta o estilo parental participativo em seus métodos educacionais, alguns acompanhados de características do estilo autoritário no seu discurso. Majoritariamente, os entrevistados relataram preferirem não utilizar de punição física, optando por guiar os filhos a partir do diálogo. No entanto, por conta da extensa carga horária de trabalho semanal, nem sempre se fazem presentes na rotina das crianças e associam a quantidade de tempo como fator imprescindível para a qualidade das relações.

Tais resultados apontam para a possibilidade de serem explorados enquanto direcionamentos em serviços de orientação para pais, acompanhamentos familiares e para a intergeracionalidade e psicologia do desenvolvimento de forma geral, promovendo saúde psicológica para pais e filhos.

Nesta investigação, o número de encontros com os sujeitos participantes pode ser considerado um fator limitante, pois os dados só puderam ser colhidos a partir de um único contexto com os sujeitos, suas entrevistas, inferindo assim os resultados apenas por meio de seus discursos. Outra limitação do estudo se refere a não investigação do tipo de estilo educacional recebido pelos pais pesquisados, fator considerado relevante para o entendimento das práticas educativas desempenhadas.

Em posteriores pesquisas, indica-se a realização de acompanhamento em outros contextos, para se obter informações complementares à entrevista, como a observação, que possam validar ou não os dados colhidos. Futuras pesquisas na área podem ser desenvolvidas em diferentes contextos, como, por exemplo, com famílias que são atendidas por escolas municipais (públicas), podendo fazer um levantamento de características e estilos parentais presentes em tais contextos.

Referências bibliográficas

- ABUCHAIM, B. et al. *A importância dos vínculos familiares na primeira infância/estudo II*. São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal (Fmcsv), 2016.
- ALENCAR, M. S. O.; GOMIDE, P. I. C.; WZOREK, L. W. A influência do desenho animado violento no comportamento agressivo de crianças. *Revista eletrônica da Faculdade Evangélica do Paraná*, v. 1, n. 2, p. 62-68, 2011.
- ALVARENGA, P.; WEBER, L. N. D.; BOLSONI-SILVA, A. T. Cuidados parentais e desenvolvimento socioemocional na infância e na adolescência: uma perspectiva analítico-comportamental. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, v. 18, n. 1, p. 4-21, 2016.
- BARDIN, L. *Análise do discurso*. Lisboa: Edições 70, 2011 [1977].
- BARROS, P.; SILVA, F. B. N. Origem e manutenção do comportamento agressivo na infância e adolescência. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, v. 2, n. 1, p. 55-66, 2006.
- BAUMRIND, D. Differentiating between confrontive and coercive kinds of parental power-assertive disciplinary practices. *Human Development*, v. 55, n. 2, p. 35-51, 2012.

BISSOLI, M. F. Desenvolvimento da personalidade da criança: o papel da educação infantil. *Psicologia em Estudo*, v.19, n. 4, p. 587-597, 2014.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M. Orientação de pais: partilhar conhecimentos sobre desenvolvimento e práticas de educação como estratégia de intervenção. *Texto & Contexto Enfermagem*, v. 14, p. 64-70, 2005.

_____; SILVA, M. H. G. F. D. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. *Paidéia*, n. 2, p. 61-69, 1992.

_____; CALDANA, R. H.L.; DA SILVA, M. H. G. F. D. Práticas de educação da criança na família: a emergência do saber técnico-científico. *Revista Brasileira do Crescimento Humano*, v. 7, n. 1, p. 49-59, 1997.

BOING, E.; CREPALDI, M. A. Relação pais e filhos: compreendendo o interjogo das relações parentais e coparentais. *Educar em Revista*, n. 59, p. 17-33, 2016.

BOLSONI-SILVA, A. T. Práticas parentais educativas na interação social mães-filhos. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, v. 19, n. 4, p. 25-44, 2017.

BUCKINGHAM, D. As crianças e a mídia: uma abordagem sob a ótica dos estudos culturais. *Matrizes*, ano 5, n. 2, p. 93-121, 2012.

CARVALHO, A. M. A. Em busca da natureza do vínculo: uma reflexão psicoetológica sobre grupos familiares e redes sociais. In: PETRINI; J. C.; CAVALCANTI, V. R. S. (Orgs.). *Família, sociedade e subjetividades: uma perspectiva multidisciplinar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. p. 183-194.

CARVALHO, M. F. M. *Estudo sobre a relação entre estilos parentais e a saúde psicológica*. 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade Lusíada de Lisboa, Lisboa, 2018.

CID, M. F. B. Cotidiano familiar: refletindo sobre a saúde mental infantil e as práticas de atividades familiares. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, n. 26, v. 3, p. 428-438, 2015.

COSTA, F. T.; TEIXEIRA, M. A. P.; GOMES, W. B. Responsividade e exigência: duas escalas para avaliar estilos parentais. *Psicologia: reflexão e crítica*, v. 13, n. 3, p. 465-473, 2000.

FONSÊCA, P. N.; ANDRADE, P. O.; SANTOS, J. L. F.; CUNHA, J. E. M.; ALBUQUERQUE, J. H. A. Hábitos de estudo e estilos parentais: estudo correlacional. *Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*. v.18, n. 2, p. 337-345, 2014.

GASPAR, T.; MATOS, M. G. Escala de avaliação das práticas parentais: controlo e aceitação. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, n.7, p. 509-522, 2016.

GOLDANI, A. M. As famílias no Brasil contemporâneo e o mito da desestruturação. *Cadernos Pagu*, n.1, p. 67-110, 1993.

GONÇALVES, A. T. S. *Estilos parentais e o seu impacto no sucesso escolar dos alunos: um estudo numa escola TEIP 2*. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal, 2013. Disponível em:

<<http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/3840/1/pronta.pdf>>. Acesso em: 21 de abril de 2017.

GRZYBOWSKI; WAGNER. Casa do pai, casa da mãe: a coparentalidade após o divórcio. *Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 26, n. 1, p. 77-87, 2010.

LEME, V. B.; PRETTE, A. DEL; COIMBRA, S. Práticas educativas parentais e habilidades sociais de adolescentes de diferentes configurações familiares. *Psico*, v. 44, n. 4, p. 560-570, 2013.

LEMOS, S. C. A.; GECHHELE, H. H. L.; ANDRADE, J. V. Os vínculos afetivos no contexto de acolhimento institucional: um estudo de campo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 33, p. 1-10, 2017.

MARIN, A. H.; MARTINS, G. D. F.; FREITAS, A. P. C. O.; SILVA, I. M.; LOPES, R. C. S.; PICCININI, C. A. Transmissão intergeracional de práticas educativas parentais: evidências empíricas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 29, n. 2, p. 123-132, 2013.

MENDONÇA, Z. R. L. *O exercício da paternidade e suas interfaces com a cultura da mídia*. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2007.

PAULA, J. M. P. Estilos parentais, inteligência emocional e o *enfant terrible*: relações, implicações e reflexões. *Revista de Enfermagem Referência*, n.8, v. 3, p. 155-162, 2012.

PASQUALI, L. et al. Questionário de percepção dos pais: evidências de uma medida de estilos parentais. *Paidéia*, v. 22, n. 52, p. 155-164, 2012.

PEREIRA, M. C. *Entre pais e filhos: um estudo intergeracional sobre valores*. 2014. Dissertação (Mestrado em?) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

_____; PEDROSA, M. I. De pais para filhos: modos intencionais de transmitir valores. *Interação em Psicologia (Online)*, v. 19, p. 243-253, 2016.

RAPOSO, H. S. et al. Ajustamento da criança à separação ou divórcio dos pais. *Revista de Psiquiatria Clínica*, v. 38, n. 1, p. 29-33, 2011.

RONCALLO, C. P.; MIGUEL, M. S.; FREIJO, E. A. Vínculo materno-fetal: implicaciones em el desarrollo psicológico y propuesta de intervención en atención temprana. *Escritos de Psicología*, v. 8, n. 2, p. 14-23, 2015.

SALGADO, R. G. *Ser criança e herói no jogo e na vida: a infância contemporânea, o brincar e os desenhos animados*. 2005. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

SILVA, B. T. B.; ARNOLD, D. K. Vilão ou mocinho: as representações midiáticas na educação infantil. *Revista Acadêmica Licencia & acturas*, v. 5, n. 1, p. 57-64, 2017.

SILVA da, E. R.; PEREIRA, M. C. A criança em foco: conversando sobre práticas parentais e estratégias de negociação. *Revista Psicologia em Pesquisa*, v. 12, n. 3, 2018.

SINGLY, F. *Sociologia da família contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

TOMASELLO, M. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VALENTE, M. B. B. *A produção de paternidade em “procurando Nemo” performatividade em redes heterogêneas*. 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

WEBER, L. N. D. A evolução das relações parentais: uma abordagem etológica. *Psicologia Argumento*, v. 22, n. 38, p. 19-26, 2004.

_____ et al. Continuidade dos estilos parentais através das gerações - transmissão intergeracional de estilos parentais. *Paidéia*, v. 16, n. 36, p. 407-414, 2006.

Filmes:

BAMBI. Direção: David Hand. Produção: Walt Disney. Roteiro: Perce Pearce. Estados Unidos: Walt Disney Productions, 1942.

DIVERTIDAMENTE. Direção: Pete Docter. Produção: Jonas Rivera. Roteiro: Meg LeFauve; Josh Cooley; Pete Docter. Estados Unidos: Walt Disney Pictures; Pixar Animation Studios, 2015.

FROZEN. Direção: Chris Buck; Jennifer Lee. Produção: Peter Del Vecho. Roteiro: Jennifer Lee. Estados Unidos: Walt Disney Animation Studios, 2013.

O ESPANTA tubarões. Direção: Bibi Bergeron; Vicky Jensen; Rob Letterman. Produção: Bill Damaschke; Janet Healy; Allison Lyon Segan. Roteiro: Michael J. Wilson; Rob Letterman. Estados Unidos: DreamWorks Animation, 2004.

O REI leão. Direção: Roger Allers; Rob Minkoff. Produção: Don Hahn. Roteiro: Linda Woolverton; Irene Mecchi; Jonathan Roberts. Estados Unidos: Buena Vista Pictures, 1994.

OS INCRÍVEIS. Direção: Brad Bird. Produção: John Walker; Kori Rae; Katherine Sarafian. Roteiro: Brad Bird. Estados Unidos: Pixar Animation Studios, 2004.

PROCURANDO Nemo. Direção: Andrew Stanton. Produção: Graham Walters; Jinko Gotoh. Roteiro: Andrew Stanton; Bob Peterson; David Reynolds. Estados Unidos: Pixar Animation Studios, 2003.

RATATOUILLE. Direção: Brad Bird. Produção: Brad Lewis ; Galyn Susman. Roteiro: Brad Bird. Estados Unidos: Pixar Animation Studios, 2007.

UP – Altas Aventuras. Direção: Pete Docter. Produção: Jonas Rivera. Roteiro: Pete Docter; Bob Peterson. Estados Unidos: Pixar Animation Studios, 2009.